

DAFNE EDITORA

FILIPA DE CASTRO GUERREIRO

Colónias Agrícolas



DAFNE EDITORA

Colónias Agrícolas

A arquitectura entre
o doméstico e o território
1936–1960

FILIPA DE CASTRO GUERREIRO



SUMÁRIO

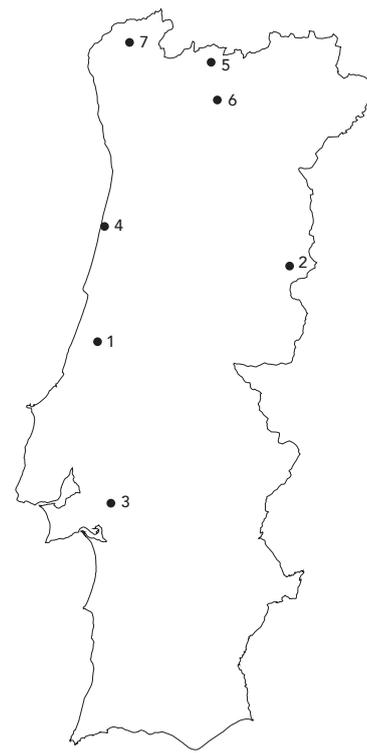
8	A arquitectura entre o doméstico e o território
	Colónias agrícolas da Junta de Colonização Interna
14	Elementos da colonização agrícola
22	Contextos e percurso da JCI
	Sete Colónias Agrícolas
51	Milagres
59	Martim Rei
65	Pegões
77	Gafanha
83	Barroso
95	Alvão
101	Boalhosa
106	Quatro momentos no desenho do território, do assentamento e da casa
	1936–1942
112	Do mito dos incultos aos assentamentos de lavoura exemplares
117	Fixação de uma metodologia de projecto
132	Os assentamentos de lavoura autónomos
136	Moral, higiene e salubridade da habitação
	1942–1946
146	Do engrandecimento do lar à inscrição na paisagem
156	Distância enquanto estruturador territorial
161	«Aldeia-jardim» e o problema da «monotonia»
178	«Engrandecimento» do lar
	1946–1954
194	Da economia de meios à legibilidade territorial
198	«Portas» e praças do território
206	Experiência do moderno nos centros sociais
213	Redesenho económico do casal e novas expressões arquitectónicas
	1954–1960
230	Do desenho da paisagem ao projecto situado
233	Ordenamento paisagístico e planos de urbanização
245	Interdependência no desenho da rua, da casa e do conjunto
256	Projecto situado com expressão moderna
264	Legibilidade e construção de uma identidade
287	Epílogo
294	Nota documental

A ARQUITECTURA ENTRE O DOMÉSTICO E O TERRITÓRIO

Este livro percorre a história das Colónias Agrícolas construídas em Portugal entre 1936 e 1960. Promovidos pela Junta de Colonização Interna (JCI), estes conjuntos tinham como objectivos fixar população e uniformizar o território através do redimensionamento da propriedade: emparcelar no Norte, parcelar no Sul. A ambição era aumentar a produtividade e promover a transformação dos trabalhadores agrícolas em pequenos proprietários. Os arquitectos participaram neste processo ultrapassando o campo habitual da sua acção, contribuindo para uma construção interdisciplinar da casa, dos assentamentos e do território. Revisitar a experiência das Colónias Agrícolas, além de expor as suas contradições internas, permite pensar vários aspectos fundamentais do presente: a posição da arquitectura no universo da burocracia do Estado; a estruturação dos espaços de produção agrícola; as relações entre construção, agricultura e economia; a racionalidade das soluções e a economia de meios e, também, a capacidade do desenho das formas arquitectónicas em definir as articulações entre infra-estruturas regionais e serviços locais.

Este trabalho parte da constatação de quatro factos: o desconhecimento generalizado das colónias, dos seus projectos e realizações; a diversidade de estruturas de povoamento; a variedade de expressões arquitectónicas, quer entre colónias, quer dentro de algumas delas; e a existência de princípios e dispositivos espaciais que permitem o reconhecimento de uma identidade e de uma legibilidade territorial do conjunto.

Este livro estrutura-se em três partes. A primeira contextualiza a formação e os objectivos da JCI e sistematiza informações sobre a localização, a história e a cronologia de cada colónia construída. Nas sete colónias agrícolas, Milagres em Leiria, Martim Rei no Sabugal, Pegões no Montijo, Gafanha em Ílhavo, Barroso em Montalegre e Boticas, Alvão em Vila Pouca de Aguiar e Boalhosa em Paredes de Coura, foram construídos 512 casais — constituídos pela habitação, instalações agrícolas e terrenos de cultivo — e um conjunto significativo de equipamentos de assistência técnica, religiosa, médica, social e escolar. Na segunda parte, defende-se que a chave para a leitura da diversidade de expressões arquitectónicas e de estruturas de povoamento decorre não só de uma metodologia de projecto que atendeu à geografia local, mas sobretudo do longo e conturbado período de gestação em que as obras foram projectadas e construídas. A estrutura desta segunda parte, organizada em quatro capítulos em sequência cronológica, é construída sobre a hipótese de leitura do objecto. É possível circunscrever o programa colonizador da JCI em quatro «momentos» cujas dinâmicas próprias tiveram consequências na sua tradução arquitectónica. A ideia de «momento» é importante, porque os seus limites não se prendem necessariamente com períodos temporais ou marcos históricos definidos, mas antes com espaços de tempo delimitados por determinados contextos e circunstâncias — objectivos, programas, visões, pressões e dificuldades — que tiveram consequências



directas na arquitectura. Na terceira parte identificam-se os princípios e dispositivos que se repetem no conjunto das sete colónias, assim como os elementos que não só introduzem legibilidade, mas também permitem reconhecer uma identidade comum. São enunciadas questões relativas à inscrição deste conjunto de intervenções na cultura dos espaços urbanos portugueses e do seu possível contributo para o exercício contemporâneo do projecto e para a estruturação do território.

Apesar do engrandecimento retórico que o Estado Novo fez das colónias agrícolas, no contexto da propaganda das obras de «ressurgimento nacional», o que foi construído tem uma dimensão muito reduzida em área de intervenção e, conseqüentemente, no número de famílias instaladas. Contudo, ao analisar o contexto, dimensão, objectivos e metodologias de implementação das colónias agrícolas, e ao compreender o seu enquadramento na acção da JCI, tornam-se perceptíveis os sobressaltos da produção do ambiente construído dentro do aparato burocrático instituído pelo Estado Novo. Ao contrário da leitura relativamente unitária associada à produção dos organismos públicos, neste trabalho identifica-se a variedade de referências, influências e confluências de temas que informam a diversidade de desenho das colónias.

Estudar as colónias agrícolas implica uma análise cruzada entre as suas várias escalas — território, assentamento, edifício —, assim como uma atenção à relação entre o construído e o desenho de projecto, a sua representação gráfica, os materiais e técnicas construtivas adoptadas e as alusões constantes quer à arquitectura popular, quer às referências internacionais.

O cruzamento de cada uma das escalas em cada um dos momentos foi analisado através de uma grelha com abertura suficiente para escarpelizar a variedade de circunstâncias e temáticas presentes em cada passo de construção das colónias. À escala do território, procura-se identificar metodologias de projecto, critérios para a escolha dos lugares dos assentamentos e elementos passíveis de introduzir legibilidade na globalidade da intervenção. À escala do assentamento, focam-se os enunciados de princípios de implantação dos casais, a identificação dos elementos estruturadores da composição, a relação entre desenho e lugar, o reconhecimento dos programas e o desenho do espaço público e da arborização. À escala do edifício procura-se caracterizar o programa, dimensionamento e articulação entre espaços de várias naturezas, compreender as premissas de implantação e, no caso dos casais, também do desenho das parcelas, identificando princípios de composição volumétrica, opções relativas à materialidade e sistemas construtivos e conseqüente expressão arquitectónica.

Da dimensão do doméstico, tão propagandeada pelo Estado Novo, à dimensão do território que o programa das colónias agrícolas pretendia estruturar, há um número infundável de acontecimentos, decisões políticas e técnicas, opções de projecto e constrangimentos de realização, que tornam explícitos os mecanismos, os desejos e as frustrações dos arquitectos e demais funcionários da JCI e, sobretudo, os modos complexos através dos quais a arquitectura ganha forma. Este livro procura mostrar esses processos.

←

Localização, data e altitude das colónias agrícolas da JCI em Portugal continental

- 1 Milagres, 1926/1937-1950, 125 a 163 m
- 2 Martim Rei, 1937-1952, 740 a 860 m
- 3 Pegões, 1938-1967, 30 a 70 m
- 4 Gafanha, 1942-1961, 9 a 15 m
- 5 Barroso, 1942-1962, 815 a 1050 m
- 6 Alvão, 1942-1953, 870 e 960 m
- 7 Boalhosa, 1946-1966, 555 e 760 m

Este livro decorre do trabalho desenvolvido no Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo da FAUP, no contexto da elaboração da tese de doutoramento *Colónias Agrícolas Portuguesas construídas pela Junta de Colonização Interna entre 1936 e 1960: a casa, o assentamento, o território*, orientada pelos professores Sergio Fernandez, Marta Maria Peters Arriscado Oliveira e Maria Manuel Lobo Pinto Oliveira, defendida em 2016 na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. No levantamento e elaboração de desenhos e cartografia, participaram comigo João Pedro Machado e João Gaspar, colaboradores no Atelier da Bouça, e Tiago Macedo Correia.

Colónias Agrícolas:

A arquitectura entre o doméstico e o território
1936–1960

Dafne Editora

1.ª edição: Porto, 2022

Editor: André Tavares

Design: Pedro Nora

Revisão: Marta Sofia Silva

Edição de desenhos: Daniel Duarte Pereira

Impressão e acabamento: Norprint - a casa do livro

Depósito Legal: 495544/22

ISBN: 978-989-8217-57-8

© Dafne Editora & Filipa de Castro Guerreiro

Para as imagens © dos respectivos autores

Este livro teve o apoio do Centro de Documentação de Urbanismo e Arquitectura e Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

www.dafne.pt

Cofinanciado por:



UNIÃO EUROPEIA

Fundos Europeus Estruturais
e de Investimento